

PAUTA LIVRE

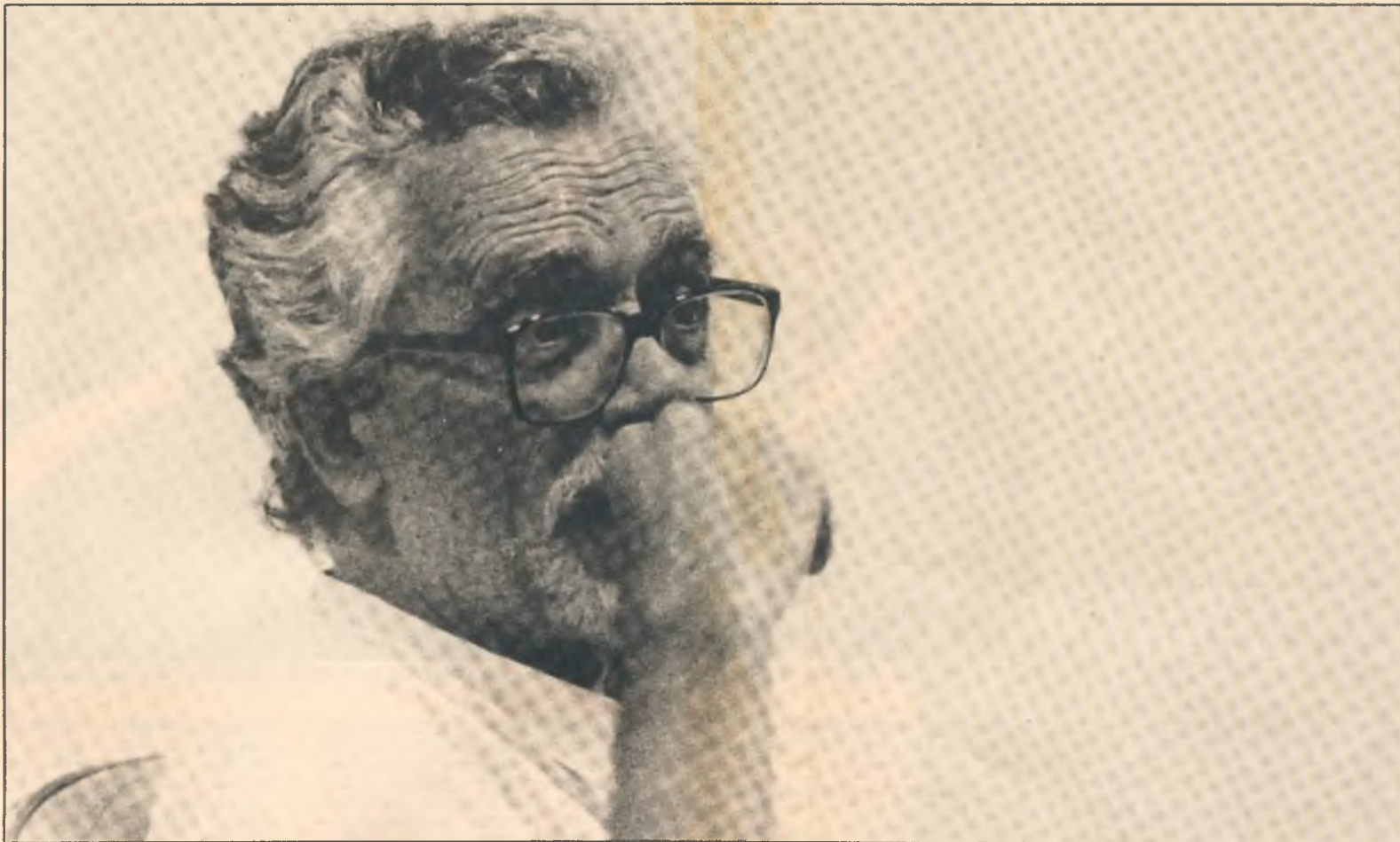
O documentário latino marca presença na França

VLADIMIR CARVALHO

O festival francês *Cinéma du Réel*, em sua 14ª versão apresentou este ano a propósito do quinto centenário da descoberta da América, uma pequena antologia do documentário latino-americano, com a presença de vários de seus realizadores. Para quem vive esta angustiante fase do cinema brasileiro, mergulhado em aterradora calmaria, sem produzir, ausente das telas e com seus festivais ameaçados de não contar com filmes novos, a participação num festival internacional com as características do *Cinéma du Réel*, constitui um alento e um desafio.

Embora presente apenas em mostra paralela que homenageou os latino-americanos e a sua contribuição ao cinema documentário, a delegação brasileira de que fizemos parte foi das mais ativas, aproveitando todo o tempo em Paris para intercâmbio, debates sobre a situação do nosso cinema, contatos com vistas a armar alguma co-produção, entrevistas, etc. Tudo num clima muito afetivo, sobretudo, entre brasileiros e cubanos, de permeio a carismática figura do argentino Fernando Birri que veio convidado de Colônia, na Alemanha, onde se encontra ministrando seminários de cinema, a exemplo do que fez na sua *Escuela de Santo Antonio de Los Baños*, em Cuba. O fato é que aproveitou-se o tempo muito objetivamente como convinha num ambiente com a seriedade e a chancela do Centro Georges Pompidou. Assim, nos intervalos das apresentações de nossos filmes, seguidas de debates regidos por Paulo Paranaguá, urgia cumprir uma agenda de contatos quase sempre com "rendez-vous" nos cafés da vizinhança do Pompidou, muito aconchegantes, nesse final de estação friorenta de Paris. Thomas Farkas partia cedo, às vezes com Geraldo Sarno, para um *banlieu* distante, onde na sede do Instituto Nacional de Cinema pesquisou e localizou todo o material dos *Carnets Brésilien*, longo documentário dirigido pelo nosso saudoso amigo Pierre Kast, que no Brasil encontrou em Farkas um produtor à altura de seu projeto de perfilar a cultura brasileira, fazendo-se mais conhecida na Europa.

Farkas, que mostrou a melhor parte de sua antológica série *A Condição Brasileira*, com *Viva Cariri*, *Viramundo*, *O Homem de Couro* e *Visão do Joazeiro*, na mostra paralela, vai agora recuperar os *Carnets* que anotaram lances incríveis, especialmente da nossa música po-



Eduardo Coutinho teve o seu *Cabra Marcado Para Morrer* reprisado pela TV francesa durante o festival *Cinéma du Réel*

pular da era Baden/Vinicius, com entrevistas e imagens hoje preciosas. Pensa, então, num relançamento ou uma compilação atualizada dessa memória dos "setenta". Prestigiado dentro e fora do país, Farkas não terá dificuldades para chegar lá.

Por seu turno, Geraldo Sarno, com o peso de sua participação no cenário latino-americano, onde pontifica como um de seus mais criteriosos realizadores (grande prêmio no Festival de Havana/79, com *Coronel Delmiro Gouveia*, membro do Comitê Latino-Americano de Cineastas) se agitava ali perto, no Hotel de Nice, na rua Rivoli, levando de um lado para o outro os seus equipamentos de vídeo, empenhado em obter de Fernando Birri a sua mais exaustiva entrevista sobre a sua vivência e a trajetória do cinema em nossa América.

Sarno, intenso e rigoroso é do tipo "enquanto descansa carrega pedras": tem sempre consigo inúmeros roteiros em que trabalha e em viagem lê sem parar vários livros. Ele já tem filmado longo depoimento de Fernando Solanas, em recente passagem deste pelo Rio, e já tem na mira Nelson Pereira dos Santos, para essa espécie de dossiê cinematográfico.

Birri, por sua vez com suas melenas grisalhas e a longa barba compõe uma *dulce* figura (impossível não pensar em Walt Whitman) misto de profeta bíblico e poeta andarilho. Afável e fraternal, a perguntar por todos do Brasil, ele estava numa espécie de estado de graça em face do belíssimo livro-álbum que saiu agora na Alemanha ocupando-se de toda sua obra, com textos de sua autoria mas também de Gabriel García Márquez e do legendário Raphael Alberti (um comvente poema a Birri, de matar de inveja qualquer mortal). Textual e graficamente impecável é desses registros definitivos e que faz justiça à carreira de um importante cineasta e um ser humano de raro calibre e generosidade.

Enquanto isso, o *Canal La Sept*, que participou da produção do último filme de Eduardo Coutinho, *O Fio da Memória*, exibiu mais uma vez para os franceses, *Cabra Marcado para Morrer*, como preparação para a emissão que Coutinho acerta com Thierry Garrel do novo filme. Aliás, com Coutinho fomos à casa de Raul Ruiz, o cineasta chileno que não pára de trabalhar na França, com cerca de 200 filmes rodados. E o papo girou o tempo todo em tor-

no de uma política ou estratégia que, em nossos países, viabilize a exibição de nossos filmes. A idéia de Ruiz, um visionário, é a criação de um canal ou cadeia regional. Coutinho, um cético por natureza, não acredita, é claro, que nas atuais condições possamos cogitar de um canal próprio, como uma distribuidora a cabo, como já existe em alguns países. E tem razão. Ele conhece muito bem a situação aqui no Brasil, onde o cinema atingiu a mais completa orfanade, sem conseguir produzir nem exibir, e sequer se organizar como classe para reivindicar. Por sinal, no penúltimo dia do festival, numa mesa-redonda com os realizadores latino-americanos, o autor de *Cabra Marcado*, em duas intervenções, a casa cheia, no seu humor típico, entre mordaz e impagavelmente engraçado, fez o público quase chorar de tanto rir, ao caricaturar a situação dos realizadores brasileiros frente a política de terra arrasada a que nos submete o governo desde que tomou posse.

Contrastando com tão bem humoradas colocações e talvez para se contrapor aos nossos argumentos, Marcel Martin, o veterano crítico francês, na platéia, manda uma bomba de insopitável ranço colo-

nialista contra a mesa. Ele quer saber das novas gerações de cineastas deste lado do mundo, acha-nos ultrapassados, e contra Margot Benecerraf, cujo documentário de longa-metragem, *Araya*, realizado nos anos 50, na Venezuela, foi dos mais aplaudidos da mostra-antologia, lança esta pérola do seu veneno:

→ Margot, nós queremos saber do seu segundo filme, pelo qual esperamos há quarenta anos!

O público não reagiu a tão grosseira e extemporânea intervenção, e Margot, na mesa, deu a merecida resposta a Martin. E aí foi a vez de Paulo Paranaguá, judicioso curador da mostra latino-americana tomar a palavra e sem retórica mais brilhantemente elucidar todo o processo das dificuldades do cinema na América Latina, tomando como exemplo o vigoroso cinema que se fez no Brasil, sendo incisivo e contundente no rechaço às intenções do velho crítico. Por tudo isso valeu para nós, este ano, o *Cinéma du Réel* como providencial janela em Paris.

□ Vladimir Carvalho é cineasta e professor da UnB